

O USO DA LITERATURA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID.

Dayslan da Silva Santos¹

Gladyson Stelio Brito Pereira²

RESUMO

Este relato apresenta uma experiência didática desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, na Escola Municipal Maria de Nazaré, em Arapiraca - AL. A intervenção pedagógica, realizada com uma turma do 7º ano D no turno vespertino, teve como foco o ensino de História. Assim, inspirados pelas leituras do projeto, especialmente a obra "Aprender e Ensinar História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental", de Ana Claudia Urban e Teresa Jussara Luporini, a supervisora Jaci Lopes juntamente com os bolsistas buscaram alinhar-se à proposta de metodologias ativas, que incluem o uso da literatura como ferramenta de ensino. O contexto inicial da turma revelou um desafio pedagógico significativo: a dificuldade de leitura e o baixo engajamento dos estudantes com a disciplina de História. Para enfrentar essa realidade, a supervisora Jaci Lopes, em colaboração com os bolsistas, idealizou uma intervenção focada no uso da literatura para abordar o conteúdo curricular sobre "A África". Ademais, o objetivo central da ação foi despertar o interesse dos alunos pelo tema e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento de suas habilidades de leitura e interpretação. Para isso, foram escolhidas três obras que compõem a coleção "Africanidades", de Antonio Jonas Dias Filho e Mária Honora: "Artes", "Influência Idioma" e "Jogos, Brincadeiras e Cantigas". As ilustrações vibrantes dos livros foram cruciais, pois atraíram a atenção dos alunos e permitiram que construíssem uma consciência histórica de forma lúdica e visual. Portanto, a aplicação dessa metodologia resultou em uma percepção clara de maior interesse e participação por parte dos estudantes.

Palavras-chave: PIBID, Ensino de história, leitura, interpretação.

Introdução

O ensino de História contemporâneo, especialmente ao abordar temas sensíveis e obrigatórios como a Cultura Africana e Afro-Brasileira (Lei Federal 10.639/03), exige metodologias que transcendam a mera transmissão de conteúdo. No entanto, o cenário escolar frequentemente apresenta desafios estruturais. No 7º ano D, a equipe do Programa

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e bolsista do projeto interdisciplinar história/pedagogia do PIBID/UNEAL.
dayslan.santos.2023@alunos.uneal.edu.br

² Professor do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e cooordenador voluntário do projeto interdisciplinar história/pedagogia do PIBID/UNEAL.
gladyson.pereira@uneal.edu.br



de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a professora supervisora notaram um quadro desafiador, com a maioria dos alunos demonstrando indisciplina, dificuldades significativas na leitura, escrita, disciplina e um baixo engajamento na disciplina de História.

Diante dessa problemática, este trabalho propõe a reflexão sobre o potencial da literatura como "ponte pedagógica essencial" e "indício histórico" no ensino de História. Urban e Luporini (2015, p. 185) indicam que a literatura, para reforçar o aprendizado, deve seguir diretrizes rigorosas de análise e seleção. Assim, a eficácia dessa ferramenta reside na escolha intencional e no diagnóstico prévio da turma.

Em oposição a afirmações errôneas ouvidas na universidade, de que “metodologias ativas é sobre preencher o tempo da aula” ou “é quando o professor quer enrola”, defendemos que a metodologia ativa no ensino de História tem a capacidade de aprimorar, reconstruir a consciência do aluno, quando o professor faz o diagnóstico da turma e corresponde com as necessidades atuais.

A intervenção, desenvolvida pela professora Jaci Lopes e quatro bolsistas, utilizou três obras da coleção "Africanidades", produzida por Antonio Jonas Dias Filho e Márcia Honora, que é composta por três volumes: 1) Artes, 2) Jogos, Brincadeiras e Cantigas e 3) a influência africana no nosso idioma. A escolha dessa coleção se deu no objetivo de transformar o conteúdo "A África" em uma leitura didática para uma experiência atual, visível e identitária.

A pergunta que norteia este trabalho, portanto, é: como o uso da literatura, embasado em um planejamento rigoroso e diagnóstico intencional, pode aprimorar a consciência histórica e o engajamento discente em uma turma com dificuldades significativas de aprendizagem? Argumentamos que, se o conteúdo tivesse sido abordado de maneira tradicional, a aula não teria alcançado resultados tão positivos.

Metodologia

A intervenção foi uma resposta a um diagnóstico prévio. Inicialmente, a equipe PIBID e a professora Jaci Lopes notaram um quadro desafiador na turma, com dificuldades significativas em leitura, escrita, disciplina e um baixo engajamento na disciplina de História.





Para que a metodologia ativa não se resumisse a "preencher o tempo da aula" ou a "enrolação", foi crucial o ato de observar os interesses dos alunos. A professora demonstrou

Observar os interesses dos alunos
IX Seminário Nacional do PIBID

essa lógica ao valorizar conversas informais e habilidades preexistentes. Por exemplo, ela estimulava alunos com experiência em capoeira a demonstrar seus conhecimentos. Tais momentos, que poderiam ser mal interpretados, foram, na verdade, essenciais para o diagnóstico de potencialidades, mostrando que a dificuldade em leitura e escrita não paralisaria a construção do conhecimento histórico.

Com base no diagnóstico, a escolha da literatura atuou como uma "ponte pedagógica essencial". A coleção "Africanidades" foi selecionada para transformar o tema "A África" em uma experiência atual, visível e identitária. Essa escolha foi submetida a uma análise rigorosa no grupo PIBID, considerando o tipo de documento, o autor, o enredo, e a linguagem, conforme diretrizes de Urban e Luporini. A intencionalidade foi garantir que a atividade fosse pesquisada, refletida e questionada para suprir as necessidades da turma. A coleção se mostrou estratégica por apresentar figuras e ilustrações que remetem ao cotidiano dos alunos, como brincadeiras e jogos afro-brasileiros.

Resultados e discussões

Para Urban e Luporini, a literatura, além de funcionar como "indício histórico" (2015, p. 183), atua como uma ponte pedagógica essencial. Foi com base nessa lógica que a professora Jaci Lopes e quatro bolsistas desenvolveram uma intervenção utilizando três obras da coleção "Africanidades", de Antonio Jonas Dias Filho e Mária Honora. Esta abordagem permitiu transformar o conteúdo de História, especificamente o tema "A África", de uma mera leitura em um livro didático para uma experiência atual, visível e identitária. Argumentamos que, se o conteúdo tivesse sido abordado de maneira tradicional, a aula não teria alcançado resultados tão positivos em termos de aprimoramento da consciência histórica e engajamento discente.

Para que a literatura reforce o aprendizado, Urban e Luporini (2015, p.185) indicam diretrizes rigorosas para sua análise e seleção: o tipo de documento, o autor, o enredo, e a linguagem empregada na descrição de personagens e cenários.





Essa intencionalidade diagnóstica foi crucial para a intervenção no 7º ano D. Durante a primeira etapa do ano letivo, a equipe PIBID e a professora notaram um quadro desafiador: a

maioria dos alunos demonstrava dificuldades significativas na leitura, escrita, disciplina, respeito e um baixo engajamento na disciplina de História. Essa análise foi corroborada por relatos de outros professores na sala de professores, indicando uma problemática generalizada na série.

A pergunta que norteia este trabalho é refletir afirmações errôneas ouvidas na universidade como: “metodologias ativas é sobre preencher o tempo da aula”, “é quando o professor quer enrolar”, pelo contrário, metodologias ativas no ensino de história é capacitar o aluno, essas afirmações não fazem sentido quando o professor reconhece a importância do diagnóstico antes de qualquer aplicação extraordinária. Nessa perspectiva, o ato de observar os interesses dos alunos foi essencial de pensar a literatura no ensino de História.

No 7º ano D, a professora supervisora demonstrou essa lógica ao valorizar conversas informais e habilidades preexistentes. Por exemplo, ela estimulava alunos com experiência em capoeira a demonstrar seus conhecimentos e questionava falas avulsas que carregavam conteúdo histórico. Tais momentos, que poderiam ser interpretados como "enrolação", foram, na verdade, cruciais para o diagnóstico de potencialidades. Ela percebeu que a dificuldade em leitura e escrita não paralisaria a construção do conhecimento histórico.

A intervenção com a literatura, portanto, demonstra a intencionalidade do planejamento. Com base nesse aprofundamento teórico e diagnóstico, fica evidente que não há espaço para "enrolação" em sala de aula. A coleção "Africanidades" passou por uma análise rigorosa no grupo PIBID, garantindo que a atividade fosse: pensada a partir do diagnóstico da turma, pesquisada, sobre as autoras e a obra, refletida sobre o tema e questionada para suprir as necessidades da turma. Essa preparação rigorosa, pautada em referenciais científicos como Urban e Luporini, reforça a noção de que a metodologia ativa não é mera improvisação.

Neste contexto, a escolha da coleção “Africanidade” foi estratégica. O material apresenta figuras e ilustrações que remetem ao cotidiano dos alunos, como caricaturas de



artistas, desenhos de brincadeiras afro-brasileiras e jogos afro-brasileiros que estão no dia a dia.

A valorização do aluno como protagonista não é uma ilusão pedagógica, mas sim o reconhecimento das dificuldades a serem superadas através da escuta ativa e da observação.

Urban e Luporini (2015, p.185), ao analisar o potencial da obra, orientam:

"Organizar com os alunos um mural sobre os livros de literatura que leram ou conhecem. Também é possível elaborar uma espécie de 'roda da leitura' em que todos possam contar sobre as histórias que já leram e trocar livros. Organizar uma pesquisa no acervo da biblioteca da escola sobre os livros expostos."

A intervenção foi planejada para quatro semanas, seguindo essas diretrizes e focando no tema "A África". A professora supervisora optou por vivenciar a experiência fora da sala de aula, dividindo a turma em três grupos. Cada grupo, guiado por um bolsista e com uma obra em mãos, foi encorajado a escolher um espaço confortável para a leitura e análise.

A mudança de ambiente e método promoveu um novo senso de pertencimento, eliminando o medo de errar e permitindo aos alunos compreenderem as diferentes formas de estudar História. No grupo sob minha responsabilidade, o convite para iniciar a leitura, que inicialmente gerou repulsa, logo se transformou em um desejo espontâneo de participação, um comportamento inédito na rotina tradicional. Sem romantizar, o avanço, mesmo que parcial, foi um marco: alunos desinteressados pediam para fazer a leitura. A roda de conversa, facilitada pelo grupo reduzido, conferiu leveza e amenizou o medo do julgamento, permitindo que o grupo se concentrasse na construção autêntica do conhecimento histórico, algo que o formato tradicional não havia possibilitado.

Na roda de conversa, permanecemos por 3 aulas de 60 minutos. A leitura da literatura durou 2 aulas, e uma aula foi dedicada à preparação de uma apresentação como resultado do conhecimento obtido nas leituras. Outra aula serviu de ensaio para a apresentação. Portanto, na aula seguinte, houve a culminância do miniprojeto Africanidade.





O primeiro grupo, liderado por mim com o tema Arte Afro-Brasileira, escolheu fazer uma apresentação teórica e prática. Os alunos iam apresentar maculelê, jogar capoeira e explicar como a capoeira e o maculelê são expressões afro-brasileiras. A empolgação imediata foi visível no rosto de alguns alunos. Ficou acertado que eles se juntariam para aprimorar o que tínhamos decidido.

Um imprevisto aconteceu, um pai de uma das educandas sentiu repulsa pelo trabalho, proibindo sua filha o realizasse. O argumento usado por esse pai de aluno foi de que: “capoeira é coisa de macumba”. A educanda solicitou permissão, em tom de tristeza, para realizar a apresentação de outra forma, o que foi consentido. O grupo ficou, então, para apresentar apenas a parte teórica. A aluna organizou cada colega para falar uma curiosidade sobre a capoeira e o maculelê.

O segundo grupo, liderado pelo o pibidiano Heberton, contou com a participação de todos integrantes no grupo, mas apenas dois mostraram-se realmente engajados com a atividade, inclusive auxiliando os colegas que não se prepararam. Com material simples, como milho e uma garrafa pet, montaram um brinquedo, explicando sua origem e refletindo sobre como esse material faz parte das brincadeiras no dia a dia.

No terceiro grupo, a professora Jaci Lopes guiou os alunos na leitura da obra *Idiomas Africanos*. Como resultado da leitura, a professora trouxe um jogo que ela mesma montou, apresentando palavras que usamos no dia a dia com origem africana. Esse resultado não teve apenas o envolvimento do grupo específico, mas de toda a turma. Os discentes se envolveram de forma espontânea e questionadora, querendo saber mais sobre o assunto.

Portanto, não podemos ser ingênuos em afirmar que atingimos todos os alunos. Durante as apresentações, poucos alunos se sobressaíram na atividade. Mas, conseguimos atingir uma parte da turma, à qual pudemos trazer um novo olhar sobre a disciplina e o assunto estudado com suporte na literatura.

Considerações finais





Este trabalho demonstrou que a intervenção com a literatura na turma do 7º ano D foi um processo de planejamento intencional, refutando a ideia de que a metodologia ativa é "mera improvisação" ou "enrolação". A escolha estratégica da coleção "Africanidades", que remete ao cotidiano dos alunos, aliada à análise rigorosa do grupo PIBID, garantiu que a atividade fosse pensada para suprir as necessidades da turma.

A mudança de ambiente, a divisão em grupos reduzidos e a roda de conversa permitiram a construção autêntica do conhecimento histórico, conferindo leveza e amenizando o medo do julgamento, algo que o formato tradicional não havia possibilitado. Sem romantizar, o avanço, mesmo que parcial, foi um marco, com alunos desinteressados demonstrando um desejo espontâneo de participação. Os resultados práticos da culminância evidenciaram a eficácia de diferentes estratégias:

O terceiro grupo, ao utilizar um jogo sobre *Idiomas Africanos* e palavras do cotidiano, obteve o maior envolvimento, com a participação espontânea e questionadora de toda a turma.

O primeiro grupo, por sua vez, expôs a face do desafio estrutural, com uma das alunas sofrendo repulsa do pai ao trabalho prático, devido à afirmação de que "capoeira é coisa de macumba". Este episódio reforça a necessidade de abordar a Africanidade com o suporte da literatura, pois o tema é vivo e confronta preconceitos no dia a dia dos alunos.

Portanto, a intervenção válida a noção de que a valorização do aluno como protagonista não é uma "ilusão pedagógica". Não podemos ser ingênuos em afirmar que atingimos todos os alunos, pois poucos se sobressaíram durante as apresentações. Contudo, conseguimos atingir uma parte da turma, à qual pudemos trazer um novo olhar sobre a disciplina e o assunto estudado. O sucesso qualitativo da experiência confirma que a escuta ativa e o diagnóstico prévio são ferramentas essenciais para capacitar o aluno e garantir que a metodologia ativa cumpra seu papel transformador.

Referência





BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, Sociedade & Cidadania - 7º ano**. FTD, 2022.

URBAN, Ana Claudia; LUPORINI, Teresa Jussara. **Aprender e ensinar história nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2015.

FILHO, Antonio Jonas Dias.; Honora, Márcia. **Jogos, brincadeiras e cantigas**. [Coleção Africanidades]. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

FILHO, Antonio Jonas Dias.; Honora, Márcia. **Arte**. [Coleção Africanidades]. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

FILHO, Antonio Jonas Dias.; Honora, Márcia. **A influência africana no nosso idioma**. [Coleção Africanidades]. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

